

Concepções e status da leitura em Inglês em cursos universitários em Maceió

Tânia Maria Ferreira Marques - Centro
Universitário Cesmac

Introdução

A maioria dos alunos apresenta algumas dificuldades em relação à leitura de textos e não consegue explicar por que estas dificuldades ocorrem durante a leitura, além de não saber o que fazer para superá-las. Alguns atribuem este fato ao modo como eles aprenderam a ler no início de sua vida escolar e ao modo como a leitura era trabalhada durante todo o seu percurso de aprendizagem.

Sobre isto, Alderson (1984) comenta que “a razão pela qual os alunos não conseguem ler adequadamente em Inglês reside no fato de que eles não conseguem ler adequadamente em língua materna”. Por outro lado, Goodman (1970) considera que há apenas alguns indícios de que o processo da leitura em língua estrangeira seja similar ao processo da leitura em língua materna.

É importante salientar que o tipo de texto que o professor leva para a sala de aula pode estimular ou não os alunos a melhorar a leitura. É necessário usar materiais autênticos e levar em consideração os objetivos que os alunos podem ter para ler em língua estrangeira. Rivers e Temperley (apud TAGLIEBER, 1988), apontam cinco possíveis objetivos para leitura: leitura para informação, leitura de material para comunicação, leitura para adquirir fluência em todo tipo de material, leitura para análise literária e leitura para traduções.

Em relação à importância da leitura, Alderson (1984) comenta que “em muitas partes do mundo a leitura em língua estrangeira é importante para estudos acadêmicos, sucesso profissional e desenvolvimento pessoal”.

Com base no exposto, esta pesquisa apresenta o tratamento dado à leitura em Inglês como língua estrangeira em faculdades de Maceió, especificamente em cursos do setor terciário. Resulta de dissertação de mestrado em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alagoas e aborda, dentre outros aspectos, uma visão geral da leitura e suas práticas no Mundo Ocidental e no Brasil, a leitura nas abordagens de ensino de língua estrangeira e o Inglês para Fins Específicos. Aborda, também,

aspectos cognitivos e discursivos, via estratégias de leitura e, finalmente, analisa os dados coletados nas faculdades.

1. **Leitura e suas práticas – visão geral e abordagens**

Ao longo da história da humanidade, a leitura sempre esteve inserida em um contexto social e sofreu influências culturais, que determinavam o quê, quando e de que forma os textos poderiam ser lidos e quem poderia lê-los. Devido a isto, a leitura indicava as práticas sociais em vigor em uma determinada sociedade.

1. **Leitura no Mundo Ocidental**

A história da leitura no Mundo Ocidental, segundo Cavallo e Chartier (1998), é resultado de vários fatores que ocorreram nos campos social, econômico e cultural ao longo da história da humanidade. Dentre estes fatores, a influência da Igreja sobre o que era escrito e lido é, indubitavelmente, o mais notável, bem como a invenção e o desenvolvimento da imprensa.

Desde a invenção da imprensa por Gutemberg, os livros se tornaram acessíveis a diferentes níveis da sociedade e a leitura tornou-se parte de hábitos diários. Se até o final do século XVIII os livros eram vistos como “objetos de arte”, onde os leitores observavam não só conteúdo como também aspectos gráficos, como a qualidade do papel e peso, depois deste período os leitores mudaram, ou desenvolveram, uma nova concepção de leitura, buscando significado além do texto. Barbosa (1994) cita que na Antiguidade o conhecimento era transmitido oralmente. Posteriormente, o conhecimento passou a ser transmitido através de textos escritos em *volumens*, um rolo de papiro que dificultava a leitura. O papiro foi substituído pelo pergaminho no século I depois de Cristo. O pergaminho deu origem ao *codex*, a primeira forma de livro portátil. Na Idade Média, a cultura espiritual emergiu e a Igreja passou a controlar textos escritos, e conseqüentemente a leitura. A leitura era ensinada em Latim e deveria ser decorada, os livros eram vistos como “símbolo sagrado” e os aprendizes deveriam ler em voz alta.

Com o passar dos tempos, a Igreja perdeu seu controle sobre a leitura devido à expansão das áreas urbanas, ao desenvolvimento do comércio e ao surgimento de universidades, nas quais as produções culturais eram discutidas, textos antigos eram traduzidos e livros eram usados como recursos para professores. Estes livros eram restritos e praticamente manufaturados. Entretanto,

como a quantidade de leitores cresceu, surgiu a necessidade de uma forma mecânica de escrita. Foi quando em 1444 Gutemberg inventou a imprensa. Além deste importante fator, outros fatos contribuíram para desenvolver e facilitar a leitura, como a implementação de escolas públicas, a divisão de textos em capítulos, a substituição de letras góticas por letras itálicas, a regulamentação da grafia e da pontuação e as contribuições de Lutero em relação a disseminação da palavra de Deus através da página impressa. A Igreja tentou mais uma vez impor seu poder excomungando Lutero e propondo que escolas e instrução Cristã fossem inseparáveis. Mesmo assim, a leitura alcançou outros níveis da sociedade, principalmente no século XVII, e diferentes gêneros começaram a ser lidos.

O Renascimento e o Iluminismo também promoveram mudanças na leitura. Pensamentos Liberalistas estavam presentes em novas publicações e no final do século XVIII “La Nouvelle Héloïse”, de Rousseau, revolucionou a história da leitura, não apenas devido a grande quantidade de exemplares vendidos, mas também devido ao seu aspecto emocional.

Como resultado de todo este desenvolvimento social cultural e econômico, a leitura tornou-se, pouco a pouco, alvo de escritores e educadores, a exemplo de Nicolas-Antoine Viard, que pensava na leitura como uma busca por compreensão ao invés de um exercício de memorização.

2. **Leitura no Brasil**

O desenvolvimento da leitura e da imprensa começou no Brasil por volta de 1808 quando D. João VI transferiu a administração real para o Rio de Janeiro e sentiu a necessidade de publicar suas proclamações, sermões e jornais. Além de controlar o que era publicado, ele também censurava algumas publicações. A censura só terminou com a Constituição imposta a ele em 1821 e quando outras tipografias foram abertas. D. João VI também criou uma universidade e transferiu a Academia Naval para o Rio de Janeiro. A educação superior também contribuiu para disseminar os livros e a leitura. Professores traduziam alguns livros importantes e escreviam outros, como a demanda era maior que a oferta, alguns livros tiveram que ser importados de Portugal.

Do Período Colonial ao Império os fatos não mudaram muito. Entretanto, Pedro I instituiu a instrução primária para todos os cidadãos. As províncias deveriam

ser responsáveis por esta instrução enquanto Pedro I seria responsável pela educação no Rio de Janeiro e pela educação superior. Disciplinas e séries foram estabelecidas mais tarde, bem como problemas com o autoritarismo de professores e a pobreza de métodos de ensino de alguns deles. Em meio a isto, escolas privadas eram abertas, professores da rede pública demonstravam insatisfação com salários, isto por volta de 1823, e algumas questões relacionadas à qualidade de ensino e à escolha do livro didático passaram a ser consideradas. Por volta de 1840 a leitura mostrou sinais de que estava consolidada no Rio de Janeiro. Os recursos usados para produzir literatura, a consolidação de livrarias e bibliotecas e os esforços para abrir mais escolas públicas contribuíram para isto.

Além de fatores referentes ao relacionamento entre texto, leitor e autor, a história da leitura no Brasil no século XIX também foi resultado do desenvolvimento social, cultural e econômico, assim como ocorreu no Mundo Ocidental. A imprensa chegou ao Brasil mais tarde. Escritores brasileiros dependiam de editores portugueses e tinham dificuldades em publicar seus livros. 70% da população era analfabeta até o final do século XIX e a leitura não era acessível às classes menos favorecidas. Para publicar, divulgar e vender seus livros, os escritores tentavam convencer pessoas influentes na sociedade a ajudá-los. Eles também negociavam seus livros diretamente com compradores, ofereciam seus trabalhos e deixavam seus livros para serem vendidos em estabelecimentos comerciais. Muitas vezes os escritores renunciavam aos direitos autorais, instituído em julho de 1793 na França, aceitando qualquer pagamento por suas produções. Como o pagamento não era suficiente, alguns escritores tinham que trabalhar como professores ou em outros cargos públicos. Estes problemas só começaram a mudar no início do século XX, quando Monteiro Lobato enfatizou e questionou as concepções de mundo impostas aos escritores.

Entretanto, importantes mudanças permearam a literatura no Brasil e muitos escritores tiveram seus trabalhos publicados e bem pagos. O fato é que mudanças ocorreram e a leitura se tornou cada vez mais acessível e necessária. A negociação de livros e as vantagens recebidas por publicações tiveram seu ápice por volta de 1920. Em 1930, a literatura no Brasil abordava aspectos sociais, o Ministério da Educação foi criado, projetos educacionais foram reformulados e os livros didáticos davam ênfase à leitura e à literatura.

3. **Leitura nas abordagens de ensino de língua estrangeira e Inglês para Fins Específicos**

O ensino da habilidade da leitura sofreu algumas influências de abordagens e métodos ao longo da história do ensino de língua estrangeira. Estas influências determinavam como a leitura deveria ser ensinada e, ao mesmo tempo, mostravam como o contexto ditava as regras de ensino como um todo.

De acordo com Brown (1994), entre 1880 e 1980 o ensino esteve envolvido em tentativas de encontrar métodos de ensino de línguas estrangeiras. Os métodos eram baseados em abordagens, um conjunto de pressupostos relacionados à natureza da língua, da aprendizagem e do ensino. Dentre estas abordagens, destacam-se a Tradicional, a Estrutural e a Comunicativa, além do Inglês para Fins Específicos, conhecido no Brasil como Inglês Instrumental. Cada abordagem tratava a leitura de um modo específico, de acordo com seus pressupostos.

A abordagem Tradicional enfatizava a leitura de textos clássicos nos quais exercícios eram usados com o objetivo de analisar aspectos gramaticais. Traduções eram constantemente usadas e o professor não tinha que ser fluente na língua alvo

A abordagem estrutural não dava prioridade à leitura, a ênfase era nas habilidades auditivas e orais. Os textos eram artificialmente escritos para trabalhar estruturas gramaticais. Em níveis mais altos, a leitura abordava aspectos culturais de países onde a língua Inglesa era falada

Na abordagem Comunicativa a leitura era vista como um meio para desenvolver algumas competências indispensáveis à proficiência em leitura. A ênfase era no uso de textos autênticos e de diferentes gêneros textuais.

O Inglês para Fins Específicos, ou Inglês Instrumental, surgiu após a II Guerra Mundial, quando houve a expansão da tecnologia e do comércio e quando cursos de línguas priorizavam a comunicação real e a compreensão de textos específicos de determinadas áreas (HUTCHINSON e WATERS, 1987). No Brasil, de acordo com Celani (2005), projetos em relação ao Inglês Instrumental começaram a ser discutidos por volta de 1970 e seu ápice ocorreu nos anos 80 e 90. A ênfase era na habilidade da leitura, e o objetivo principal era desenvolver, entender e praticar uma abordagem baseada no uso efetivo de estratégias de leitura. Era necessário fazer o

levantamento das necessidades dos alunos e havia uma tendência a eliminar aspectos tradicionais.

Além das abordagens de ensino de línguas, é necessário também considerar outros fatores relacionados à leitura, como aspectos afetivos, cognitivos e discursivos.

2. **Leitura – dos aspectos cognitivos aos discursivos**

A leitura é uma atividade que envolve muitos aspectos da linguagem. A linguagem, por sua vez, compreende alguns elementos relacionados à aspectos afetivos, cognitivos e discursivos. Aspectos afetivos estão relacionados à atitude e à motivação do leitor durante o ato da leitura. Aspectos cognitivos referem-se à algumas estratégias desenvolvidas pelo leitor objetivando a compreensão de textos, uma dessas estratégias é, por exemplo, a inferência. Aspectos discursivos estão relacionados a alguns fatores como intenção, elementos implícitos, ideologias e fatores culturais.

Os aspectos afetivos e cognitivos influenciam diretamente no processamento da informação e nos resultados do aprendizado da leitura em língua estrangeira. Além disso, eles são responsáveis pela compreensão do texto, resultante da interação entre os recursos usados pelo leitor durante a leitura (conhecimento prévio, estratégias de leitura) e as características do texto. Isto significa dizer que aspectos afetivos (atitude e motivação) e cognitivos (habilidades lingüística e cognitiva) são representados pelas crenças e conhecimento prévio do leitor, essenciais para a produção de significado. Por muitos anos a leitura era considerada como uma atividade perceptual e mecânica baseada no processo gráfico. A ênfase na cognição ocorreu quando alguns estudiosos consideraram o significado nas sentenças e sua permanência na memória. Entre 1960 e 1980, as contribuições da Psicolingüística foram associadas à leitura, enfatizando aspectos afetivos e cognitivos.

Uma proposta de leitura baseada em uma abordagem sociocognitiva é apresentada por Leffa (1999), que tenta organizar a história da leitura com base em três perspectivas teóricas: abordagem ascendente, baseada no texto, abordagem descendente, baseada no leitor, e abordagem conciliadora, baseada na comunidade discursiva.

Pressupostos sobre o processamento da leitura foram enriquecidos por novas tendências referentes ao ensino de línguas. Estas novas tendências estão baseadas na análise do discurso e no conceito de gênero, conhecidos por seus aspectos funcionais e organizacionais e pelo contexto no qual eles são usados (MEURER, 2000). Em relação à leitura, a análise do discurso tem a ver com o uso da linguagem enquanto comunicação. Tem a ver não apenas com os padrões da língua enquanto sistema, mas também com a função da língua. Durante o ato da leitura, a análise do discurso permite ao leitor extrapolar o texto escrito e alcançar funções discursivas nele, que podem variar de acordo com a idade, com o conhecimento prévio e com a comunidade na qual o leitor está inserido.

Os pressupostos teóricos em relação à visão geral de leitura, às abordagens de ensino de línguas estrangeiras e aos aspectos afetivos, cognitivos e discursivos citados, serviram para embasar a pesquisa realizada nas faculdades de Maceió.

3. A pesquisa nas faculdades

Esta pesquisa pode ser considerada como sendo qualitativa de cunho etnográfico. Qualitativa porque investiga como e porque decisões são tomadas e tenta entender aspectos do comportamento humano, e etnográfica, porque estuda experiências pessoais e permite a participação e observação do pesquisador. Segundo André (1995), uma pesquisa etnográfica é um método de pesquisa desenvolvido para estudar cultura e sociedade, tendo como principal preocupação o processo educacional.

Os dados para esta pesquisa foram coletados através de observações e registros de aulas, entrevistas informais e questionários para professores e alunos. Quatro professores e quarenta e oito alunos participaram da pesquisa que foi realizada em quatro faculdades de Maceió onde a disciplina Inglês Instrumental é ensinada.

Oito aulas foram observadas em cada faculdade, sendo duas aulas por vez. Nomes de faculdades, professores e alunos não foram citados, e quando necessário foram identificados como Faculdade 1, Professor 1 e assim por diante. Toda a pesquisa foi realizada no período de Março a Outubro de 2007.

Em cada par de aulas foram observados os seguintes aspectos: início da aula, objetivo, conteúdo, recursos usados pelos professores e o desenvolvimento

das aulas. Comentários da pesquisadora em relação às aulas também foram registrados.

Após todas as observações registradas, foi possível mostrar o status e as concepções em relação à leitura em língua inglesa nas faculdades. Para isto, foi necessário analisar todos os dados coletados enfatizando os resultados dos questionários dos professores e alunos.

Considerações finais

Considerando os dados obtidos nesta pesquisa e relacionando-os às concepções e ao status da leitura em língua Inglesa nas faculdades de Maceió, foi possível concluir que, de modo geral, os quatro professores observados apresentavam fortes influências de aspectos tradicionais do ensino de línguas estrangeiras e, ao mesmo tempo, demonstravam conhecer e aplicar alguns pressupostos do Inglês Instrumental.

Isto significa dizer que, se por um lado professores ainda apresentavam alguns aspectos tradicionais em relação à leitura, como por exemplo o uso extensivo de traduções de frases e textos, por outro lado, eles davam às suas aulas um caráter instrumental quando selecionavam e levavam para as aulas textos específicos das áreas em que lecionavam.

De fato, os quatro professores observados tentaram desenvolver estratégias de leitura através do uso de textos autênticos com o objetivo de fazer com que seus alunos os compreendessem efetivamente. Os textos eram relacionados à situações reais com as quais os alunos poderiam se deparar, apesar de que a maioria dos alunos já trabalhava na área do curso que estudavam. Inferência foi a estratégia de leitura mais mencionada e desenvolvida. Os textos eram usados para manter os alunos atualizados com as informações mais recentes, com termos específicos da área, com programas e manuais. As atividades eram geralmente realizadas em pares ou pequenos grupos, o que de acordo com os alunos, promovia interação entre eles. As experiências profissionais dos alunos serviam como suporte quando dúvidas surgiam.

Não foi surpresa concluir que todos os professores observados trabalham não apenas com estratégias de leitura, como também com alguns pressupostos do Inglês Instrumental. Alguns desses professores são conhecidos pelo trabalho que

desenvolvem em faculdades. Mas não era esperado que todos trabalhassem dentro desta perspectiva, especialmente considerando que eles são quase a totalidade dos professores que ensinam Inglês Instrumental em Maceió. Dentre os quatro professores observados, dois aplicavam os pressupostos do Inglês Instrumental de maneira mais efetiva, tornando as aulas mais interessantes e relevantes para os alunos.

Esta pesquisa pode servir como ponto de partida para outras a serem desenvolvidas objetivando a investigação em relação à aspectos que envolvem a habilidade da leitura em língua inglesa. Pesquisas sobre como promover interação através de atividades com leitura, sobre como integrar as quatro habilidades em aulas de inglês em faculdades e sobre a análise do discurso relacionada à leitura de textos podem ser de grande valia para futuros estudos. Há um vasto campo a ser explorado quando o assunto é leitura, e se muitos pesquisadores escrevem sobre isto é porque, de um modo ou de outro, eles querem colaborar com o ensino de línguas baseado nos benefícios que a leitura pode promover.

REFERÊNCIAS

- ALDERSON, Charles (1984): Reading in a foreign language: a reading problem or a language problem? In: *Reading in a foreign language*. London and New York: Longman, Pp. 1-27.
- ANDRÉ, Marli (1995): *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus.
- BROWN, Douglas (1994): *Teaching by principles*. Englewood Cliffs, NJ; Prentice Hall.
- BARBOSA, José Juvêncio (1994): *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez.
- CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (1998): *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática.
- CELANI, Maria Antonieta Alba [et al] (2005): *ESP in Brazil: 25 years of evolution and reflection*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- GOODMAN, Kenneth (1970). Reading as a psychological guessing game. In: H. SINGER & alli (Eds) *Theoretical models and processes of reading*. Newark, Delaware: IRA.
- HUTCHINSON, T. & WATERS, A (1987): *English for specific purposes*. Cambridge University Press.
- LEFFA, Wilson (1999): Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social. In: *O ensino da leitura e produção textual*. Pelotas: EDUCAT.
- MEURER, José Luiz (2000): O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Leda

I CIPLOM

Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
e
I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL
Línguas, sistemas escolares e integração regional

Maria Braga. *Aspectos da lingüística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular.

TAGLIEBER, Loni(1988): A leitura na língua estrangeira. In: BOHN, Hilário Inácio, VANDRESSEN, Paulino. *Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. UFSC, Pp. 237-257.